

Caicó/RN em papel e tinta: representações da cidade no jornal A Fôlha (1954-1958)

Marcos Antônio Alves de Araújo¹

Resumo: Partindo da perspectiva de que as cidades são representadas através de várias formas e expressas por meio de múltiplas linguagens humanas, objetivamos nesse artigo, tentar perceber as representações da cidade de Caicó/RN impressas nas páginas semanais do Jornal *A Fôlha*, durante os anos de 1954 a 1958. Diante disso, compreender a complexidade do espaço urbano de Caicó, representada nesse Jornal, se apresenta como uma tarefa escolhida por nós, na escrita e produção deste artigo. Para a composição desse *corpo textual*, utilizamos como metodologia, a leitura e a análise do discurso jornalístico publicado no periódico *A Fôlha*, sobretudo aquele referente às representações urbanas. Nesse sentido, após a realização das pesquisas nessa fonte histórica, atinamos que Caicó era representado e impresso pelo discurso jornalístico d'*A Fôlha*, como sendo uma cidade que, embora estivesse, na década de 50 do século XX, ordenada sob os moldes de uma moral cristã, se encontrava bifurcada entre o velho e o novo, o tradicional e o moderno, o padrão e o desvio, enfim, entre a norma e a transgressão. Assim, essa cidade, edificada sob pilares de uma tradição regional, ia, gradativamente, incorporando ao seu território urbano, signos da modernidade, novos equipamentos e serviços instalados que transformavam a paisagem da cidade e, conseqüentemente, modificavam o cotidiano de seus sujeitos praticantes.

Palavras-Chave: Cidade, Espaço e Caicó.

Abstract: Leaving of the perspective of that the cities are represented through some forms and express by means of multiple languages human beings, we objectify in this article, to try to perceive the representations of the city of Caicó/RN printed in the weekly pages of the periodical *A Fôlha*, during the years of 1954 the 1958. Ahead of this, to understand the complexity of the urban space of Caicó, represented in this periodical, if presents as a task chosen for us, in the writing and production of this article. For the composition of this literal body, we use as methodology, the reading and the analysis of the journalistic speech published in the periodic *A Fôlha*, over all that referring one to the urban representations. In this direction, after the accomplishment of the research in this historical source, we hit upon that Caicó was represented and printed matter for the journalistic speech of *A Fôlha*, as being a city that, even so was, in the decade of 50 of century XX, commanded under the molds of a Christian moral, if it found branched off between old and the new, traditional and the modern, the standard and the shunting line, at last, between the norm and the trespass. Thus, this city, built under pillars of a regional tradition, went, gradual, incorporating its urban territory, signs of modernity, new equipment and installed services that transformed the landscape of the city and, consequently, modified the daily one of its practicing citizens.

Keywords: City, Space and Caicó.

¹ Geógrafo, mestre em Geografia e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. E-mail: markufrn@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas das mãos, escritas em ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas de pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelhas, entalhes, esfoladuras.

Ítalo Calvino (1990)

Nos últimos decênios, a cidade vem sendo objeto de estudo de diversos artesãos do saber e de distintos ramos do conhecimento científico, que despertados por suas curiosidades, mistérios, complexidades, medos, paradoxos e desejos, tecem, a partir de suas “agulhas teóricas”, reflexões, diálogos e discussões, a fim de desvendar, ou mesmo decifrar, um fragmento do emaranhado de questões e sinais que perpassam o seu âmbito.

Desta forma, muito já se tem sido escrito sobre a urbe brasileira e mundial. Entre as inúmeras cidades que receberam certa atenção dos estudiosos, destacam-se as seguintes: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Campina Grande, Porto Alegre, Berlim, Nova York, Paris, Londres, Viena, dentre outras. Entremetentes, as escarpelações científicas que têm como objeto principal a cidade, têm passado, no transcorrer do tempo, por constantes mutações, denunciando a diversidade de olhares, mais precisamente aqueles que são lançados para a cidade moderna.

Depois de repisadas leituras sobre o espaço citadino, temos a impressão, conforme aponta Sousa (2001, p. 1), da existência de fisionomias também heterogêneas, que têm marcado com mais inércia a historiografia brasileira e mundial nos últimos tempos, tais como: “cidade do progresso e civilização para certos olhares, cidade de capital e dos conflitos sociais para uns, cidade do espetáculo para outros, e ainda cidade disciplinar [...]”.

Os estudos acerca da cidade começaram a ganhar relevância e proeminência no universo da produção acadêmica, mormente de antropólogos, historiadores, geógrafos, urbanistas e sociólogos, a partir do momento em que a sociedade passou a ocupar preponderantemente os espaços, do que hoje conhecemos por espaços urbanos.

Em termos de Brasil, a apropriação dos espaços urbanos foi recrudescida e verticalizada após os anos 50 do século XX, com o processo de crescimento econômico, pautado na industrialização. A implementação desse processo levou uma considerável miríade de pessoas a buscar a urbe como espaço de residência, ocasionando, desse modo, uma

inversão no sentido de fixação dos habitantes, que passaram a migrar das cartografias rurais para os territórios citadinos.

Portanto, as cidades brasileiras vêm se constituindo, nos últimos tempos, em prosclênios onde são contracenados processos de urbanização caóticos, frutos do próprio crescimento econômico desigual que, peremptoriamente, segrega e condena uma grande parte da população a maneiras pétreas de sobrevivência e condição humana.

À primeira vista, imaginamos que a cidade é formada por apenas um conteúdo morfológico, edificada somente por uma estrutura material, composta de “pedra, tijolo, ferro, cimento, vidro, madeira, natureza [...], enfim [...], espaço construído” (PESAVENTO, 2002, p. 24). Indubitavelmente, a cidade é, mormente, materialidade erigida pela labuta humana, a partir de sua ação sobre a natureza. É sociabilidade, comportando sujeitos e liames sociais, personagens, “grupos, práticas de interação e de oposição. Marcas que registram uma ação social de domínio e transformação, no tempo, de um espaço natural” (PESAVENTO, 2002, p. 24).

Entretanto, por trás dessa materialidade há essências, sensibilidades, sentimentos, emoções e subjetividades. Por isso, a cidade é edificação de um “ethos, que implica na atribuição de valores ao que se convencionou chamar de urbano, é produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e que os representam [...]” (PESAVENTO, 2002, p. 24). É ainda, “percepção de emoções e sentimentos, é expressão de utopias, desejos e medos, assim como é prática de conferir sentidos e significados ao espaço e ao tempo, que se realizam na e por causa da cidade” (PESAVENTO, 2002, p. 24).

Imbuída por uma conjunção de dados (des)harmônicos e (des)afinados, a cidade, embora cada uma tenha suas devidas particularidades, se configura em uma multiplicidade de espaços marcados pela justaposição “[...] de funções, caminhos, símbolos, morada dos deuses e demônios que garantem o controle de um território, ao mesmo tempo que possibilita a gestão coletiva” (DANTAS, 2005, p. 3).

A cidade, visibilizada em tempos pretéritos como um organismo vivo, abriga em seu “ventre”, sonhos, devaneios e perspectivas que ora são “fecundados” e “gestados”, ora são simplesmente “abortados” e extirpados. Por entre as inúmeras artérias que atravessam, dilaceram e esquarteram os espaços da cidade, circulam sujeitos, andarilhos, transeuntes,

praticantes, indivíduos, personagens que urdem, constroem, produzem e tramam no espaço-tempo da urbe, histórias e micro-histórias, eventos e micro-eventos.

Nesse contexto, escrita diariamente em suas diversas páginas, a cidade é um palimpsesto, um hipertexto, um mosaico de vidas, imagens, polifonias, sentimentos, subjetividades, lembranças e esquecimentos. Em *As cidades invisíveis*, Ítalo Calvino (1990, p.44), ao discorrer sobre as imagens e memórias que o jovem embaixador veneziano Marco Pólo encontra em suas missões e viagens diplomáticas realizadas pelo império do grande Kublai Khan, inculca que a cidade, como os sonhos, é edificada por desejos e medos, “ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”.

No “cósmico” calidoscópico da cidade, a paixão e o ódio, a vida e a morte, o silêncio e o ruído, a guerra e a paz, o lugar e o não-lugar, a disciplina e a burla, o conflito e a harmonia, a regra e o desvio, a ordem e o caos, a razão e a sensibilidade, o passado e o presente, a diversidade e a singularidade, o efêmero e o permanente, e o arcaico e o moderno, se entrecruzam, se imbricam e se dissolvem em suas paisagens urbanas. Todavia, a cidade se constitui em um emaranhado complexo de “apropriações espaciais, que permite a construção e permanência de identificações e práticas culturais de grupos ou agregados sociais diversos” (COSTA, 2005, p. 109).

Destarte, apreender a cidade é acicatar mecanismos e dispositivos “capazes de viabilizar um convívio mais democrático, aberto e complexo da realidade, pois não adianta libertar a cidade do minotauro e deixá-la entregue à tirania da realidade” (DANTAS, 2005, p. 7).

Dessa maneira, segundo Dantas (2005, p. 7), é extremamente pertinente deixar-se guiar pelo campo metafórico aproximativo incursionando por sendas que “possibilitem ‘desvendar/encobrir’ as práticas que alimentam a arqueologia cidadina, escavando as camadas de memória que se sobrepõem, e confundem o observador desatento”.

Ciente de que na tentativa de perscrutar a cidade e de descortiná-la em suas diversas faces, caminharemos por trajetos distintos, faz-se mister uma opção. Entre as múltiplas maneiras pelas quais é possível compreendê-la ou desnudá-la, está a perspectiva da representação do seu espaço urbano.

Por representação, compreendemos como algo que pode ser caracterizado como a imagem do mundo, em que cada aspecto da existência humana passa a ser expresso

simbolicamente. Partindo da premissa de que representar se constituiria numa construção que os *homens ordinários*² realizam na apropriação de objetos e de espaços, Ferrara (1986, p. 7) enfatiza que:

Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, do que se infere que o objeto mais presente, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real. Dessa presença decorre sua exigência, porque este objeto não pode ser exaurido, visto que todo processo de comunicação é, se não imperfeito, certamente parcial.

Assim, a representação é emanada para compreender o mundo, suscitada através de um sistema de idéias e imagens, seja ela oriunda das interpretações racionais, místicas, objetivas, científicas ou filosóficas. A representação se evidencia como o “[...] resultado de uma interação social de relações complexas existentes no interior da cidade por diversos segmentos sociais” (SILVA, 2001, p. 79).

Imaginária ou simbólica, a representação se constitui numa imagem parcial de uma determinada realidade social, considerada um elemento discursivo “contextual, que existe representando o real, não o refletindo. Enquanto representação, traz uma imagem do espaço, mas só se realiza no encontro com o sujeito” (MARANDOLA, 2006, p. 75).

As representações, bem como as imagens, não são “ornamentos anódinos e nem têm como princípio a indiferença e passividade, elas provocam sensações e sentimentos, induzem a certas condutas e afastam outras” (SEIXAS; BRESCIANI, 2004, p. 14-15). Nesse sentido, ao perceber a cidade como uma representação, perλούstramos suas diversas formas, arquiteturas, fisionomias, texturas, artes, práticas, composições, melodias e polifonias.

Atinar essa representação cidadina é navegar nas circunscrições de seus discursos, textos, hipertextos e enunciados, que são sempre, aparentemente, “homogêneos e

² Para Certeau (1994), os *homens ordinários* são aqueles que estão, em um determinado momento, submetidos a uma certa ordem, a uma tal disciplina, a uma “dada” regra. Não obstante, os *homens ordinários* não são apenas passivos a essa ordem imposta, mas, pelo contrário, estes criam, recriam, inventam e reinventam uma multiplicidade de mecanismos, de dispositivos e de artes de burlar essa ordem, deixando de ser, a partir do momento em que põem em prática suas táticas desviacionistas, ordinários para ser extraordinários. Ainda de acordo com Certeau (1994, p. 57), o homem ordinário é um “Herói comum. Personagem disseminado. Caminhante inumerável. (...) Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas”;

ilegíveis, sugerindo uma prática cultural de leitura em que compreender a semântica do espaço é adensar a confecção de cenários e sons, complexificando as múltiplas expressões fisionômicas dispostas no espaço” (DANTAS, 2005, p. 15).

Fustigado pela composição complexa da urbe e diante da concepção de que as representações cidadinas são expressas de várias formas e através de múltiplas linguagens humanas, elencamos como objetivo desse texto, tentar perceber as representações da cidade de Caicó/RN impressas nas páginas semanais do Jornal *A Fôlha*³, no interregno temporal de 1954 a 1958.

Diante disso, compreender a cidade de Caicó e toda sua complexidade representada nesse Jornal, se apresenta como uma tarefa escolhida por nós, na escrita e produção deste artigo. Com efeito, na busca incessante de apreensão da cidade, a heterogeneidade de interesses e de idéias se mostra intrinsecamente vinculada à labuta científica do pesquisador. Para a composição desse artigo, utilizamos como procedimento metodológico, a leitura e a análise do discurso jornalístico publicado nas páginas no periódico *A Fôlha*, sobretudo aquele referente às representações urbanas.

A escusa de se perscrutar as representações da cidade nesse periódico, fonte principal da escrita desse texto, decorre do fato de que é perceptível no contexto da produção do conhecimento científico local, uma lacuna de trabalhos que abordem tal temática.

Outrossim, destacamos, por meio de prospecções realizadas nessa fonte histórica, uma forte ocorrência de imagens e discursos atinentes à cidade de Caicó como um espaço urbano marcado, concomitantemente, pela tradição e pela modernidade, que enaltece e exalta o primeiro e almeja e deseja o segundo. Para efeito de uma localização geográfica, ressaltamos que a cidade de Caicó estava nas décadas de 1950, e ainda está, incrustada nos espaços centro-meridionais do estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente nas terras semi-áridas da região do Seridó Potiguar.

Com intento de perceber as representações da cidade de Caicó, no periódico *A Fôlha*, elegemos como um dos baluartes teóricos desse artigo, as discussões concernentes à noção de espaço. Para esta investida, partimos do pressuposto de que uma reflexão dessa natureza, ao contemplar o espaço, está ancorada na noção de espaço como uma edificação

³ O acervo do Jornal *A Fôlha* encontra-se atualmente sob a guarda do Laboratório de Documentação Histórica, do Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (LABORDOC/CERES/UFRN);

sócio-histórica, sendo “expressão da produção material do homem, resultado de seu trabalho social [e] como tal, refletirá as características do grupo que o criou” (CORRÊA, 1990, p. 55).

Por espaço, ainda entendemos essa categoria como um constructo humano, uma produção erigida e inventada culturalmente e discursivamente. Na maioria das vezes pensamos que o espaço é apenas aquele em que os elementos físicos ou naturais estão presentes, mas, ao contrário, espaço é aquele em que o homem tece suas vivências, seus pensamentos, seus sonhos, seus desejos, suas quimeras, seus prazeres, seu cotidiano, enfim, suas experiências com o meio ambiente.

A interpretação do espaço como uma invenção social e como uma representação da existência da espécie humana, não deve, indubitavelmente, permitir a ocultação do indivíduo. Ou seja, torna-se impossível “distanciar espaço de sociedade, sujeito de objeto. [...], [da mesma forma que], [...] não há sociedade sem espaço, assim como não há espaço produzido sem sociedade” (BASTOS, 1998, p. 59-60). Nessa concepção, o espaço, indissociável da sociedade, é pensado e apreendido, como sendo o resultado de uma prática de produção e tendo o homem como sujeito principal desse processo.

Esse espaço, registro de variadas épocas, de diferentes culturas e de heterogêneas representações, ainda pode ser imaginário e simbólico, como também, concreto e material. Na Geografia, como em outros ramos da ciência, sobretudo, humanas, as chamadas representações espaciais objetivam, justamente, perceber esses espaços simbólicos e imaginários. Por essa forma, as fontes jornalísticas são imbuídas dessas representações, portadoras de significados espaciais provenientes do conúbio sujeito-objeto e “tatuadas” de percepções, imagens, discursos e enunciados.

Decerto, como reflexo e condicionante da sociedade, o espaço é produto de uma multiplicidade de ações humanas, comportando geometrias objetiváveis consubstanciadas aos processos sociais de forma mútua. No espaço, os sujeitos tecem suas relações, construções, vivências, produções, sociabilidades, reproduções, enfim, suas organizações sócio-culturais.

Vale destacar, com base nas “teias” discursivas de Arrais (2004, p. 11), que o espaço não se configura numa matéria inerte, nem num mero fulcro das relações travadas entre os indivíduos, mas parte constitutiva das consubstanciações “sociais, incorporando significados que lhe são atribuídos por determinadas representações, revestindo-se de simbologias e participando da construção de certas identidades”. No mais, a “noção de

subjetividade implícita nesse conceito conduz à compreensão do espaço como marca e expressão das relações sociais” (ARRAIS, 2004, p. 11).

Nesses moldes, o espaço se configura, paralelamente, em uma pluralidade de formas e conteúdos, fixos e fluxos, mistos e híbridos, articulações e fragmentações, mudando conspicuamente sua fisionomia, sua morfologia e sua estrutura no decorrer da história. É nessas dimensões que concebemos também o espaço urbano, como uma parcela da totalidade espacial, construído pelos praticantes da cidade no transcurso dos processos histórico-espaciais.

Mediante os pressupostos de Corrêa (1995, p. 9), podemos inferir que o espaço, em especial o urbano, é “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializado nas formas espaciais”. O espaço urbano, composto de formas e essências, se constitui, da mesma forma que a sociedade, multifacetado, dialógico, contraditório, ambíguo, dinâmico, simbólico, mutável e, mormente, profundamente complexo.

Contudo, o espaço urbano é a dimensão em que os “[...] grupos sociais edificam obras materiais e inscrevem uma ordem simbólica” (ARRAIS, 2004, p. 18). Por isso, é sobre a malha espacial, especificamente a cidadina, que os homens pintam suas telas urbanas, esculpem suas esculturas, constroem suas obras de arte, enfim, suscitam suas representações.

Nessa ótica, com papel e tinta, os redatores do Jornal *A Fôlha*, registraram e representaram o cotidiano, o espaço, os eventos, os acontecimentos, as práticas e as sociabilidades urdidas na cidade de Caicó, durante os idos de 1954 a 1958. Esses redatores, como artistas da escrita, produziram, a partir da captação de aspectos e fragmentos do cotidiano urbano, imagens da cidade.

A esse artista é lícito sentir dois processos que, não obstante, se imbricam, se confundem e se “entrelaçam, no que diz respeito ao conhecimento da natureza pelos homens, à sua problemática relação com ela, constituindo uma tessitura complexa, que não se revela ao primeiro olhar” (NAXARA, 2004, p. 241)

Diante do exposto, selecionamos o próximo tópico como proscênio o qual teceremos, por meio de caminhadas pelos espaços jornalísticos, os *scripts* desse artigo, lendo, analisando e interpretando, as manchetes, as notícias, as imagens, os ditos, as colunas, as intertextualidades, enfim, as múltiplas representações da cidade de Caicó.

2 CAICÓ IMPRESSA: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE

Aos seis de março de 1954, data de circulação do primeiro periódico d’*A Fôlha*, a cidade de Caicó começava a ser representada nas páginas desse Jornal. Impressa em notas, matérias, seções e anúncios redigidos pelas discentes do Educandário Santa Teresinha, nas colunas elaboradas pelos sacerdotes e seminaristas, nos artigos e crônicas produzidas pelos intelectuais do aglomerado urbano e nas reclamações e críticas realizadas por sujeitos preocupados com a conservação da higiene física e moral da urbe, a cidade de Caicó voltava a ter um veículo de comunicação, passando novamente a ser escrita e tipografada.

O Jornal *A Fôlha*, que circulou no interstício temporal equivalente aos anos de 1954 a 1967, teve como fundador e diretor oficial, o Monsenhor Walfredo Gurgel, conhecido como um legítimo representante de uma elite nostálgica, cujos alvitre de uma “cidade/tradição” e o intento de erigir uma urbe moderna para a plaga do Seridó, se articulavam, se amalgamavam e se imbricavam.

Dessa forma, a cidade de Caicó se apresentava nas falações veiculadas pelo Jornal *A Fôlha*, como a autêntica *Capital do Seridó*, tendo em vista que essa urbe se constituía, na década de 50 do século XX, no principal centro administrativo, econômico, político e cultural dessa região, polarizando toda essa unidade espacial e algumas cartografias urbanas das plagas adjacentes, convergindo para o seu âmbito, pertinentes atividades e serviços públicos.

Além de Walfredo Gurgel, o Jornal *A Fôlha*, tinha como integrantes responsáveis pela sua edição e circulação, os redatores Genival Medeiros e Levi Dantas, e o gerente Inácio Vale Sobrinho. De acordo com Cirne (2004, p. 101), para toda uma geração, o Jornal *A Fôlha* terminou por se configurar em um legítimo “marco cultural. Trata-se de um verdadeiro documento museológico; consultando-o, [...], descobri verdadeiras preciosidades. Algumas são engraçadas, outras são surpreendentes, muitas terminam por ser o melhor retrato historiográfico da cidade”.

Ainda para Cirne (2004, p. 101;103), manusear as páginas, obscurecidas e desgastadas pela ação do tempo, do Jornal *A Fôlha*, é realizar “uma viagem por vezes deliciosa ao passado. [...], [encontrando], [...] um tesouro de preciosidades caicoenses”.

Lendo os escritos desse Jornal e folheando suas páginas obnubiladas, singramos pelos labirintos da cidade, galgando meticulosamente seu *corpo*, evocando lembranças e

histórias adormecidas, revisitando lugares de memória e desbravando as geografias da urbe. Nessa caminhada pela cidade, impressa nos espaços jornalísticos d'A *Fôlha*, nos “encantamos com os seus contornos; mergulhamos em sua história e ficamos embevecidos com sua construção/enredo” (MORAIS, 2000, p. 10).

Nesse percurso, “garimpando e polindo o conhecimento, cada fragmento histórico do lugar era um verdadeiro enigma. Decifrar os vários enigmas, permitiu-nos uma leitura da cidade” (MORAIS, 2000, p. 10). Assim, a partir da leitura da textualidade do periódico, observando os contornos e as linhas urbanas, e flanando⁴ por travessas, calçadas, praças, ruas, avenidas e bairros da urbe, descortinamos uma Caicó que se insinuava, se mostrava e se apresentava como uma cidade que, paulatinamente, se modernizava, embora esse processo fosse efetivado sob um substrato de tradição.

Isso é conspícuo no fato de que, a degeneração dos costumes nos espaços das ruas, no decorrer dos decênios de 1950, se caracterizava como uma visceral ameaça a efetivação dos projetos modernizadores, transgredindo os hábitos tradicionais e legitimando os insólitos.

Se os espaços centrais da cidade são perpassados pela moral urbana, embora haja ainda as condutas e práticas desviacionistas, em outros territórios urbanos, como aqueles equivalente aos atuais bairros Itans e Paraíba, as ações contra a manutenção da ordem e da moral cidadina são, profundamente, constantes e intensas. Destarte, esses bairros, identificados como os recortes urbanos desviantes, passavam a entrar na *ordem do discurso*⁵, focalizados pelos dispositivos disciplinares dos aparelhos *panópticos*⁶, que eram representados por integrantes dos órgãos públicos municipais e da igreja católica, majoritários na cidade.

Neste caso, enumerar e detectar os problemas que ocorriam nos espaços centrais e nas franjas urbanas, destacando a utilização de medidas para o saneamento básico da cidade, a edificação de pontes e a pavimentação de ruas, possibilitavam a manutenção de políticas públicas que, efetivadas, transformavam a paisagem cidadina de Caicó.

⁴ O termo flanando é derivado da metáfora do *Flâneur*, descrita por Walter Benjamim, para visibilizar e narrar as mudanças que estavam se processando em Paris no século XIX. Para maiores detalhes atinentes a essa metáfora, consultar: ROUANET, Sérgio Paulo. **A razão nômade**: Walter Benjamim e outros viajantes. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993;

⁵ Sobre a ordem do discurso, ver: FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 10ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2004;

⁶ Para Foucault (1996, p. 183), o panóptico se constitui numa “máquina de ver é uma espécie de câmara escura em que se espionam os indivíduos; ela torna-se um edifício transparente onde o exercício do poder é controlável pela sociedade inteira”.

Se no periódico *A Fôlha*, a instalação de novos equipamentos urbanos aparecia em destaque como representações fiéis dos signos da modernidade, os pressupostos de higiene do corpo e dos costumes, outrossim, eram evidenciados como itens forçosos para a conservação de hábitos, ditos, tradicionais e para a construção de uma mentalidade de caráter progressista.

Embora no semanário d’*A Fôlha* fossem noticiadas matérias que apresentavam Caicó como uma cidade visceralmente ordeira, nas mesmas páginas desse veículo de comunicação eram publicadas uma grande miríade de reportagens que denunciavam a intensa corrupção e a degeneração dos valores por pessoas insólitas, que por volta dos idos da década de 1950, assolavam as ruas da urbe, perturbando a ordem urbana e dilapidando os alicerces tradicionais erguidos historicamente.

Os discursos nostálgicos dos integrantes desse Jornal, que ecoavam pelas cartografias urbanas caicoenses, expressavam um prurido, inerente aos projetos políticos/religiosos, de construção de um protótipo de família, de homem e de cidade ideal.

Para fortalecer os discursos de que a *Capital do Seridó*, passava, na década de 1950, por situações críticas, no que concerne ao seu âmbito moral, os escritores do Jornal discorriam sobre as condutas desviantes dos jovens, da *infância perdida*, dos sujeitos que prostituíam e inebriavam seus corpos e, que espargidos nas noites urbanas, transitavam pelas ruas da cidade, tecendo suas espacialidades desviacionistas.

Esses escritores ainda mencionavam os casos de *homens comuns*, que, subrepticamente, burlavam os planos e intentos de homogeneização, normalização e racionalização da cidade e de seus íncolas, recusando-se a aceitar as regras de higiene elaboradas pelo órgão público municipal.

Mediante essas premissas, o discurso impresso no Jornal *A Fôlha* partia de interesses e vontades políticas e de projetos religiosos, ancorados numa lógica moral cristã, bem circunscritos, que promoviam Caicó, enquanto uma urbe com status de *Capital do Seridó* e ontologicamente ordeira, produzindo para a cidade uma postura de espaço propício à incorporação de elementos da modernidade, em virtude de seu crescimento urbano e econômico.

Na década de 1950, época que circulou o Jornal *A Fôlha*, a cidade de Caicó despontava como um centro de beneficiamento e comercialização do algodão. As indústrias instaladas na cidade, beneficiavam o algodão, em sua maioria, produzido “em outros

municípios seridoenses, no Oeste Potiguar e no Sertão Paraibano, principalmente os situados na Região de Patos” (MORAIS, 2005, p. 168). No decorrer do decênio de 1950, a cidade contava com “três usinas de beneficiamento de algodão: Diniz & Dantas S. A., Exportadora Dinarte Mariz S. A. e Algodoeira Seridó Comércio e Indústria S. A. (ALSECOSA)” (MORAIS, 1999, p. 94).

Com o funcionamento dessas usinas de beneficiamento e processamento do algodão e de fábricas para a industrialização de seus derivados, o cotidiano urbano de Caicó começava a ganhar certa vitalidade e dinamicidade. Na verdade, as usinas funcionavam como “pólos dinamizadores tanto em termos de economia – oferta de empregos e circulação de capital – como no que se refere à expansão urbana – surgimento de bairros novos e crescimento de alguns já existentes” (MORAIS, 1999, p. 94).

Como exemplo da deflagração do processo de ocupação de áreas devolutas via surgimento e crescimento das usinas, podemos citar o caso do atual bairro Barra Nova, que nasceu a partir da instalação da usina ALSECOSA em seus espaços. Nesse processo, cresceram “[...] juntos, bairro e indústria, tendo a usina como ponto de partida” (MORAIS, 1999, p. 99). Quando a usina não determinava o surgimento de um bairro, influenciava na melhoria de seus “[...] serviços urbanos e no que se refere à geração de empregos com aproveitamento da mão-de-obra do próprio local” (MORAIS, 1999, p. 96).

A cidade de Caicó passava de um mero entreposto de comercialização do algodão, a um centro de beneficiamento do produto. Isso se constituía em tímidos exemplos e referências da efetivação do discurso de “modernização em voga no país a partir da década de 1950. O perfil industrial-urbano, corolário do projeto de modernização da sociedade brasileira, atingiu [também a malha urbana de Caicó, embora em menor intensidade]” (MORAIS, 2005, p. 169).

Essa década, assim como o período compreendido entre os anos de 1940 a 1970, corresponde à fase de dinamismo econômico da cidade de Caicó, onde, em virtude das iniciativas governamentais e privadas foram instaladas, consoante Moraes (2005, p. 251), as seguintes estruturas e serviços no tecido espacial da urbe:

[...] usinas de beneficiamento de algodão e fabricação de óleo comestível, abastecimento d'água, agências bancárias, escolas públicas e privadas, maternidade, emissora de rádio, clubes de serviços, lojas maçônicas, telefonia, sindicato de trabalhadores rurais, cemitério, fórum municipal, cinemas, estádio de futebol, museu, eletrificação, pista de pouso, parque de exposição, hotel, casas comerciais, dentre outros.

Esse período, sobretudo aquele correspondente à década de 1950, é marcado pela expansão citadina de Caicó, com o crescimento de sua mancha urbana, decorrente do pináculo de produção e beneficiamento do algodão mocó. Os equipamentos e serviços urbanos inseridos no espaço da cidade, possibilitavam uma dinamização da economia dessa urbe. A instalação desses equipamentos e serviços refletiu diretamente na dinâmica demográfica da cidade, tendo em vista que seus espaços urbanos tornaram-se focos de atração populacional.

Isso é atinado quando debruçamos nosso olhar sobre as cifras dos censos demográficos da época e percebemos que entre os anos de 1950 a 1960, mediante informações auferidas em Moraes (1999, p. 69), a cidade de Caicó aumentava consideravelmente sua população, passando, respectivamente, de 7.775 hab. para 16.233 residentes no espaço urbano. Enquanto, nesse interregno temporal, a população urbana geminava, aquela que se apropriava das cartografias rurais decaía significativamente, passando de 16.459 hab., no ano de 1950, para 11.214 hab., no ano de 1960.

Ademais, a própria população do município crescia em ritmo acelerado, de 24.214 hab., em 1950, para 27.447 hab., em 1960, demonstrando assim, mormente, que o território caicoense era procurado por pessoas oriundas de outros lugares, que viam nesse município, um espaço propício e interessante para estabelecimento de moradia fixa. A cidade tornava-se atraente pelas boas expectativas, suscitadas através “do fortalecimento da cotonicultura e da modernização de seu setor de beneficiamento, que elegeu o espaço urbano como *locus* para a instalação das usinas” (MORAIS, 1999, p. 90). Além das usinas de beneficiamento, a cidade de Caicó dispunha ainda de “doçarias, padarias e usinas de beneficiamento de arroz” (MORAIS, 1999, p. 93).

No que concerne à organização espacial urbana de Caicó nos anos de 50, a cidade apresentava, com base nas descrições meticolosas encontradas na *Revista Caicó apud* Moraes (1999, p. 90-91), o seguinte perfil:

Em 1950, Caicó se limitava a um amontoado de casas, da Rua Marinheiro Manoel Inácio à Catedral de Sant'Ana, que se estendia um pouco mais com as ruas do 'do Cateretê', 'Berra Bode', 'Alto do Louvor', 'Do Pinto', que formavam o nosso 'Cai Pedaco', que começava em Pedro Casé [o dono do cabaré mais cobiçado da cidade] e terminava pro's lados de Ciço Vieira. Havia também as casas perto da 'Ladeira de João de Cândido', as da família Capitão (Rua Pires Ferreira), o quarteirão do Hospital, casebres no 'Salitre' [...] que iam dali contornando a usina de Dinarte Mariz até o bairro da Intendência, onde tinha um açude com esse nome margeando a estrada que ia para o Itans, na faixa quase urbana que se estendia dos cercados de 'Zé Evaristo', por trás do Quartel de Polícia e da bodega de Manoel Maria. Mas da bodega de Dona Rosa pra lá, poucos moradores faziam companhia ao CDS, começando a Paraíba, uma 'rua nova' que ia até o Abrigo dos Velhos. Também já existiam as pracinhas; Dr. José Augusto, da Liberdade e de Sant'Ana, batizada pelo povo 'da Catedral' e 'da Matriz'. A do Rosário era apenas um areial [...] Era o tempo dos calçadões, ou melhor; das calçadonas como chamávamos antigamente [...].

Como se pode observar, os estabelecimentos públicos e privados enxertados na malha urbana e presentes na espacialização cidadina de Caicó dos anos 50, foram utilizados nesse discurso, provavelmente em outros ecoados por sujeitos de outrora na paisagem da urbe, como referências as circunscrições espaciais existentes no tecido urbano da época.

Baseado nessas descrições constata-se que a cidade de Caicó, até o término dos anos 50, possuía uma configuração espacial da sua cartografia urbana quase completamente incrustada nos espaços entre os “rios Barra Nova (sul-oeste) e Seridó (norte-oeste)” (MORAIS, 1999, p. 93).

Acerca do comércio nos proscênios urbanos de Caicó, em conformidade com a mesma fonte supracitada (MORAIS, 1999, p. 92), este era muito tênue e pequeno, limitando-se às empresas exportadoras de algodão, casas de “ferragens, estivas e cereais, lojas de tecido e farmácias. A cidade dispunha de representações de Companhias de Seguros e Capitalização Sul América, Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sul América de Capitalização, entre outras”. Quanto às agências bancárias, as mesmas se resumiam ao Banco do Brasil e ao Banco Rural (MORAIS, 1999, p. 92).

No setor de saúde, a cidade contava com a Maternidade de Caicó, fundada em 1947, “o Posto de Puericultura e o Hospital do Seridó. [...] No que se refere a instituições

públicas, em 1956, foi instalado o escritório regional do Departamento de Estradas e Rodagens – DER” (MORAIS, 1999, p. 92). Em termos de serviços sociais prestados na cidade, destacava-se a atuação do Rotary Club, fundado no oitavo ano da década de 40 do século XX.

Na década de 50, a cidade ainda era matizada pelas ondas da Rádio Difusora de Caicó, que ecoavam pelas cartografias urbanas. Essa emissora era a única em funcionamento na cidade neste período. Fundada “em 1954, passou a chamar-se *A Voz do Seridó* a partir de 1957, sendo depois extinta” (MORAIS, 1999, p. 92).

O cemitério São Vicente de Paulo, edificado nos idos de 1913, localizado no que em dias hodiernos conhecemos por bairro Barra Nova, estava, em tempos antanhos, “situado em uma área considerada *o fim do mundo* devido à sua distância do centro da cidade” (MORAIS, 1999, p. 92).

Das 59 ruas que compreendiam a malha urbana, apenas sete eram calçadas. A década de 50, correspondia a tempo em que ainda era necessária a luz gerada pelo motor da prefeitura, adquirido em 1925, para iluminar as primeiras horas da noite taciturna e enigmática da cidade, deixando as principais ruas, praças e avenidas diáfanas.

O abastecimento d’água na cidade, era feito através de jumentos. Essa atividade era atenuada “[...] pela garantia de encontrar a água necessária no açude Itans, situado em área relativamente próxima ao perímetro urbano” (MORAIS, 1999, p. 92). Apesar de na década de 1950, a cidade de Caicó vivenciar um período de aclividade econômica, com irradiação de seu tecido urbano, utensílios como “*fogão a gás não era novidade porque simplesmente não existia*’. Em termos de articulação com cidades mais distantes, Caicó era servida por caminhões e *mistos* que mantinham linhas regulares, [...], para Campina Grande (PB) e Natal” (MORAIS, 1999, p. 92).

O ritmo, relativamente, acelerado de crescimento da cidade, entre outros fatores sociais, também era atribuído ao processo de desenvolvimento do setor educacional. Nesse sentido, a educação funcionava como motivo de atração “populacional, [...]. A cidade passou a receber alunos, principalmente para o GST [Ginásio Santa Teresinha] e o GDS [Ginásio Diocesano Seridoense], que vinham de toda área por ela polarizada e até de outros estados [...]” (MORAIS, 1999, p. 88-89).

A educação era fator de preocupação por parte da população caicoense, que a percebia como uma possibilidade de um futuro promissor. Essa preocupação com o setor

educacional, é atinada no seguinte discurso veiculado no semanário de 5 de junho de 1954, do Jornal *A Fôlha*, sobre o ensino secundário:

O problema que mais preocupa os pais da classe média e pobre é o da instrução secundária dos filhos. Por modesto que seja, procura o pai matricular o filho em um ginásio, mesmo à custa de sacrifício, na esperança de que um dia chegue a cursar a escola superior e conquiste um diploma. O que antigamente, digamos, 20 anos atrás, era privilégio de uma dúzia de ricos, hoje é comum a qualquer pessoa mesmo pobre, graças à fundação de ginásios no interior do País.

No ramo da educação, a cidade de Caicó tinha 10 escolas de ensino primário, “além da Escola Normal Regional de Caicó, do GDS, do GST e de duas bibliotecas – Olegário Vale e Prof. Pedro Gurgel, sendo que esta última funcionava no Grupo Escolar Senador Guerra” (MORAIS, 1999, p. 92).

Malgrado, ao passo que a cidade de Caicó passava por mutações, provenientes de seu crescimento urbano, novas práticas discursivas e desviacionistas eram tecidas por sujeitos que abalavam a organização higiênica e moral do espaço citadino. Nessa perspectiva, a elite caicoense, interessada em legitimar o discurso modernista sem ferir a ordem tradicional da cidade, buscava cartografar e sanar a transgressão, destacando a pertinência dos valores morais, espirituais e naturais para a consolidação do progresso na urbe.

Os espaços do periódico *A Fôlha* se constituíam em uma ambiência adequada para o destaque da elite local, que se promovia enquanto adepta aos discursos modernistas e partidária dos valores tradicionais do hercúleo caicoense, exemplo fiel de homem forte, arguto e viril a ser seguido.

Essa elite, representada nas figuras políticas, sobretudo, de Dinarte Mariz e de Walfredo Gurgel, intentava a construção de um discurso identitário para a cidade de Caicó, como a *Capital do Seridó*. As estratégias desses políticos em tornar Caicó, a *Capital do Seridó*, foram peremptórias para que a cidade fosse contemplada com alguns equipamentos e serviços, responsáveis pelo crescimento de seu espaço urbano.

Desse modo, no ano de 1954, o Jornal *A Fôlha* noticiava o início da edificação do aeroporto da cidade, destacando e enaltecendo o apoio e a eficiência do político Dinarte Mariz, visto por esse periódico, como o principal responsável na construção dessa obra, *marco avissareiro do progresso*. Nesse mesmo ano, mais precisamente por volta de 17 de

fevereiro, a cidade de Caicó era contemplada com a inauguração da ponte sobre o rio Seridó, interligando o centro à zona norte da cidade.

Antes disso, final de 1953 e início de 1954, o 1º Batalhão Rodoviário era instalado em Caicó, sendo implantado nos espaços do que atualmente conhecemos como bairro Nova Descoberta. Em 1957, o nome desse batalhão, mudava para Batalhão de Engenharia e Construção. Já em 1958, era erguido o símbolo de religiosidade da cidade, o Arco do Triunfo da Virgem de Fátima, hoje cartão-postal da urbe caicoense.

O discurso paradoxal concernente ao desejo do moderno e a manutenção do tradicional, pode ser percebido no seguinte fragmento narrativo haurido dos meandros do periódico, publicado no dia 3 de abril de 1954, do Jornal *A Fôlha*, quando em passagem por Caicó, o Padre Emerson Negreiros comenta que:

Caicó é uma cidade moderna. Bonita nas suas linhas. Digo-o sem tergiversar [...]. O caicoense assombra-nos sobretudo por uma espontânea sinceridade [...]. O caicoense herdou as tradições de antanho como o gosto do catolicismo verdadeiro. Este é algo que integra sua personalidade [...].

Ainda nesse ano e nos espaços da imprensa periódica desse Jornal, especificamente em sua edição de 10 de agosto, os redatores exigiam do então prefeito municipal Rui Mariz, a introdução de telefones para uma urbe que se expandia e se modernizava, já que Caicó se configurava numa:

[...] cidade que tem crescido vertiginosamente. As distâncias dilatam-se cada vez mais. De uma extremidade a outra da cidade, quase três quilômetros. Urge, portanto, que sejam instalados os telefones, para economizar tempo, evitar longas caminhadas para tratar de assuntos que através dos fios telefônicos poderiam ser resolvidos. O telefone é indispensável para uma cidade como a nossa, com uma população de 15 mil habitantes. Em breve será inaugurado o novo Hospital do Seridó, obra que honra os sertões nordestinos. Sem telefone torna-se difícil uma assistência pronta em caso de acidente ou de socorro urgente.

Nesse contexto, Caicó se mostrava, nas fímbrias do discurso jornalístico, como uma cidade inerente ao consumismo e ao progresso, que embora desejando os signos da modernidade e da urbanidade, preservava a pureza dos valores tradicionais de uma urbe sertaneja e interiorana.

Diante disso, as ações desviantes urdidas por aqueles sujeitos, tidos como, contraventores da moral e da ordem urbana, se constituíam em práticas mórbidas que perturbavam a saúde da cidade, precisando ser controlada para que não se alastrasse pelas sendas da cidade e contaminasse os habitantes saudáveis.

O medo que as indisciplinas desses contraventores, tecidas nas cartografias desviacionistas da urbe, atingissem o universo infanto-juvenil era notório no discurso jornalístico d'A *Fôlha*. O pavor da criança e do jovem serem contaminados com essa indisciplina, ameaçando a construção de uma cidade *culta* e *ordeira*, permeava o imaginário da elite, sobretudo, católica, que era responsável pela escrita, edição e publicação do periódico *A Fôlha*. Nas palavras dos redatores desse Jornal, com base num fragmento textual colhido no periódico do dia 26 de junho de 1954,

[...] o que se percebe, o que se sente é que nesta cidade de Caicó, vigora, nos dias atuais, a mais profunda crise de autoridade e de respeito a autoridade [...]. De um lado, a falência deplorável de muitos pais e mães, pobres ou ricos, que nunca souberam aquela arte de saber ser pai e saber ser mãe. A rua não tem o que dar [...]. Numa cidade sertaneja, como a nossa, dou exemplo, na qual cabarés e casas de jogo abrem, se multiplicam e funcionam como por encanto, abertos dia e noite, acessíveis a todos, se excluir as crianças; numa cidade sertaneja como a nossa na qual o alcoolismo torna uma virtude, e na qual algumas medidas saneadoras esporadicamente aplicadas, nem sempre são bem recebidas, mas, ao contrário, dificultadas e incompreendidas, que poderá suceder? [...] No dia, porém, que em Caicó, se jogar menos, se beber menos, o nível moral social subir, nesse dia se cantarão os primeiros aleluias de uma copiosa redenção, cujos redimidos serão, em primeiro lugar, as suas amadas e encantadoras crianças, meninos e meninas, jovens, ricos ou pobres.

A rua, vista por um lado como um território onde eram tecidas práticas desviantes, aparece, nesse discurso, como um espaço amoral, insano e insalubre. Portanto, faz-se mister discipliná-lo e higienizá-lo contra os males da inópia de ordem, de religião, de respeito e de temor a Deus, para que, somente assim, a autoridade possa ser reconstituída e o núcleo familiar refeito.

A cidade ordenada (da igreja, da casa e do dia) convivia com a cidade caótica (das casas de jogo, das zonas e da noite), esta última produtora de sujeitos infames, de filhos livres da dominação dos pais, de mães irresponsáveis que deixavam seus filhos a mercê dos riscos na rua, de prostitutas, alcoólatras e *rapazolas* inconseqüentes em seus atos.

Nas contigüidades da cidade, os contraventores da moral urbana também teciam suas artes de burlar a ordem católica. Dessa maneira, no semanário de 10 de maio de 1958, do

Jornal *A Fôlha*, o senhor Bento Xavier d’Almeida, administrador do açude Itans, lamentava que o principal açude da cidade se tornasse “ponto de orgia, passeios e banhos noturnos de homens e mulheres, que com esse procedimento estão mostrando aos visitantes que o caicoense está destruindo moralmente o melhor do município para passeios”.

Não obstante, o Jornal *A Fôlha* também destacava a instalação de um cinema moderno na cidade, na metade da década de 50 do século passado. Esse novo espaço de sociabilidade e de encontro da população caicoense, com uma capacidade de 298 lugares e somente 1 projetor, era chamado de Cinema Pax, ou apenas, Cine Pax, cujo idealizador foi o senhor Clóvis Medeiros. Ao que tudo indica, Clóvis Medeiros adquiriu as estruturas do então Cine Pax do Senhor Aldo Medeiros (político e cineasta amador), “em 1949, o cinema existente na Praça da Liberdade desde 1936, e que, inicialmente, pertencera ao Cel Celso Dantas, inaugurado a era do filme sonoro na antiga Vila Nova do Príncipe” (CIRNE, 2004, p. 117-118).

Discorrendo sobre a memória do Cine Pax, Cirne (2004, p. 116), arrola que filmes como “Luzes da cidade [...], Sansão e Dalila [...], Gilda [...], O Ébrio [...], Belinda [...], O barco das ilusões [...], O dia em que a Terra parou [...], As neves de Kilimandjaro [...], Os melhores anos de nossas vidas [...], [dentre outros]”, encantavam as noites dos caicoenses, tornando-as mais agradáveis no escurinho do cinema.

Além da cidade do Cine Pax das sextas-feiras, Caicó também era urbe, que no mês de julho, durante 10 dias, se “montava” e se ornava para mostrar toda a pompa, a elegância, a beleza, a suntuosidade e o fausto da Festa de Sant’Ana. Essa festa era, nos decênios de 50, encenada nos proscênios do largo de Sant’Ana, mais precisamente na catedral, com suas torres erguidas, “como se fossem braços que se levantam para o céu invocando súplicas” (DANTAS, 1996, p. 96).

No periódico de 03 de julho de 1954, do Jornal *A Fôlha*, é publicado uma matéria atinente às remodelações que esse templo religioso teria passado. Conforme essa matéria, uma remodelação “abriu as belas arcadas da nave central, portas e losangos no alto, tornando-a mais arejada e cheia de luz” (*A FÔLHA*, 03 de julho de 1954). Em seu espaço endógeno, a catedral de Sant’Ana apresentava a “combinação de estilos romano, colonial e gótico, desde as arcadas largas e simétricas às agulhas ogivas dos altares laterais, tudo numa harmonia que agrada e extasia” (*A FÔLHA*, 03 de julho de 1954).

Nesse templo religioso, os caicoenses vivenciavam, ano após ano, as celebrações sagradas e profanas da Festa de Sant'Ana. Ainda no ano de 1954, dessa vez em 31 de julho, o cronista, autocognominado de W, publicava o seguinte relato denotando as mudanças que ele atinava na Festa de Sant'Ana:

Nesta festa de Sant'Ana, quando todos rezam e se vestem, eu que já me encontro de cabelos brancos, recorro ao passado, as festas de minha meninice. Como são diferentes! Naquele tempo a cidade que terminava onde hoje se encontra o mercado ficava apinhada de gente. Na alvorada chegavam das fazendas as famílias com cavalos gordos e bem tratados [...]. Era bonito ver-se a entrada da alvorada na manhã de quarta-feira, pois as viagens se faziam de madrugada para evitar o calor do sol. Durante o novenário, saíam às passeatas. As moças vestidas de branco sem decotes, com mangas que desciam abaixo dos cotovelos, usavam largas faixas de fitas azul ou encarnada de acordo com as suas preferências. Era a rivalidade das cores que despertava tanta emulação [...]. De Açú chegavam as cargas de alfenins brancos com rodas encarnadas. Eram as delícias da meninada. Após a novena a luz fumarenta dos candeeiros, expunham-se os alfenins tão cobiçados. Não se conhecia a luz elétrica. Não havia retreta. Faltava praça e coreto. No primeiro domingo de festa, a missa das 10 horas servia para a apresentação dos vestidos e dos chapéus, dos mais variados aspectos. Era o desfile da elegância daquele tempo. A tarde havia o passeio a cavalo, que em paradas levantavam a poeira da rua. A banda de música sob a regência do maestro Manoel Fernandes, era a grande atração. Os circos de cavalinhos constituíam a festa externa. Os meninos não se davam ao luxo de namorar. Sua maior ambição eram os alfenins do Açú, os pés-de-moleque e as puxa-puxas da velha Leonor. Hoje tudo evoluiu, se transformou. A cidade cresceu unindo os dois rios Seridó e Barra Nova. Em vez de cavalos médios e lustrosos, os caminhões poeirentos e roncadores. As passeatas desapareceram. Os candeeiros se apagaram. A matriz foi modelada. Acabaram-se as tribunas e todos se nivelaram na igualdade dos lugares, sem privilégios. Os desfiles de moda são realizados nos clubes, em festivais de caridade. A banda de música vem de fora. Os meninos não querem mais saber das guloseimas, das cocadas [...] Não há mais circos [...] Não sei quais as festas melhores se as de hoje, se as do meu tempo.

O cronista W, em seu discurso nostálgico, apresenta uma das muitas festas de Sant'Ana, que vão, ao longo dos tempos, sendo obnubiladas e silenciadas diante da diversidade de transformações que se efetivaram na cidade. Paulatinamente, aspectos da festa vão sendo modificados ou mesmo ressignificados, em decorrência das próprias mudanças que se processaram no espaço urbano de Caicó.

Desta forma, retalhos da Caicó de 1950 e de outros tempos, ainda “vivem” e são toldados, hodiernamente, na escrita, nos relatos, nas crônicas, nas fotografias, enfim, nos recônditos mnemônicos de inúmeros praticantes da cidade.

Assim, dos fluxos de memórias de Cirne (1996, p. 2), emerge uma Caicó inesquecível, que era, nos anos 50, basicamente:

[...] um só e definitivo alumbramento. Como esquecer o Cinema Pax, de seu Clóvis, magia pura ao exibir Sansão e Dalila? [...] Como esquecer *A Fôlha*, do Monsenhor Walfredo Gurgel, bravo semanário das futilidades caicoenses? [...] Como esquecer o Ginásio Diocesano Seridoense, o popular GDS – hoje CDS –, com sua vocação para o saber vivencial? Como esquecer seus crepúsculos? Como? Caicó era um caicó sertão seridó – e eu não sabia. Um verdadeiro caicó sertão seridó com os eventuais circos que lá apareciam e aconteciam [...]. Um cristalino caicó sertão seridó com o Açude Itans, cujas águas alimentavam a alegria e o imaginário das pessoas; com a Festa de Santana, já famosa nos anos 50 [...], e a Festa dos Negros do Rosário, talvez mais íntima, talvez mais substantiva (enquanto a outra em sua grandiosidade, seria mais adjetiva). Não havia castelos falsos. Em compensação, havia a Praça da Liberdade, antes da televisão espaço onírico da cidade; havia a Rua Seridó (e o rio do mesmo nome, que se encontrava com o Barra Nova logo adiante). [...] Era uma cidade quase às escuras, mas como se sonhava em Caicó: sonhava-se com as vitórias do tradicional Caicó Esporte Clube; sonhava-se, no caso dos rapazes, com as jovens do Colégio Santa Teresinha; sonhava-se com os gibis que seu Benedito trazia do Recife; sonhava-se com o cheiro de terra molhada após as primeiras chuvas de janeiro, fevereiro ou março [...] Caicó, tão perto e tão longe [...].”

Contudo, mediante tantos fragmentos de lembranças evocados por esse autor, a cidade praticada nos decênios de 50 e enunciada sob os moldes da moral cristã, pululada e bifurcada pela ordem e pelo caos, pelo ruído e pelo silêncio, pela vida e pela morte, é representada, tanto nos relatos orais, como naqueles materializados, como um espaço detentor de um cotidiano complexo e heterogêneo, “tatuado” de múltiplas faces, de diversas espacialidades, de proteiformes conteúdos, de polimorfias práticas, de variadas condutas individuais, de distintas e singulares estratégias e táticas de burlar a norma do forte, enfim de muitas artes de dizer, de pensar, de fazer e de construir a urbe.

3 CONCLUSÕES

Os discursos jornalísticos, em nosso caso, aqueles veiculados no periódico *A Fôlha*, se constituem em ricas possibilidades de leitura da cidade de Caicó e de seu cotidiano, principalmente urbano, no transcurso da década de 50 do século passado. Os documentos que compreendem o acervo do Jornal *A Fôlha* se apresentam como fontes preponderantes para desvendar as múltiplas faces e representações da cidade, escrutando os eventos, as vivências,

as práticas, as burlas, os espaços, as paisagens, as espacialidades, enfim, as polimorfas histórias costuradas através dos fios da memória.

Nesse sentido, andar pelas sendas da cidade impressas no semanário *A Fôlha*, se constitui em uma tarefa árdua, por vezes, laboriosa, por vezes, prazerosa. Percorrer seus espaços, reconhecer seus lugares, adentrar em seus territórios e perflustrar suas paisagens se dimensiona em uma atividade cautelosa, meticulosa e metodologicamente traçada, pois a qualquer momento podemos cair num precipício ou mesmo afundar como numa areia movediça. Transitar pelas veredas do discurso jornalístico é incursionar num labirinto, onde a cada descuido ou desatenção podemos nos perder e nos desorientar na imensidão de caminhos emaranhados e entretecidos, impossibilitando a saída de seu “universo”.

Ademais, atina-se que tentar galgar por entre os espaços discursivos dessa imprensa escrita, é enveredar num pórtico de túnel por vezes, tácito, sombrio e obnubilado, por vezes, balburdiado, parolado e diáfano, que ora conseguimos sair de suas entranhas, ora ficamos desarvorados em suas cartografias textuais. Acreditamos que conseguimos trilhar, pelo menos parcialmente, os percursos urbanos impressos no Jornal *A Fôlha*, embora enfrentando alguns percalços, dando uma certa contribuição ao desvendamento das múltiplas faces da cidade de Caicó e ao estudo de sua trajetória histórico-geográfica.

Acerca dessa urbe, esta é representada e impressa pelo discurso jornalístico d’*A Fôlha*, como sendo uma cidade que, embora estivesse na década de 50, ordenada sob os moldes de uma moral cristã, se encontrava bifurcada entre o velho e o novo, o tradicional e o moderno, o padrão e o desvio, enfim, entre a norma e a transgressão. Assim, essa cidade, edificada sob pilares de uma tradição sertaneja, ia, gradativamente, incorporando ao seu território urbano, signos da modernidade, novos equipamentos e serviços instalados que transformavam a paisagem da urbe e, conseqüentemente modificavam o cotidiano dos sujeitos praticantes da cidade.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004;
- BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: NEPEC, n.5, p.55-66, jan./jun. 1998;
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990;
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – 9ª Ed. – Petrópolis: Vozes, 1994;
- CIRNE, Moacy. **A invenção de Caicó**. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2004;
- _____. Caicó sertão seridó. **Jornal Cult.**, p.2, jun.1996;
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. – 3ª ed. – São Paulo: Ed. Ática S. A., 1995;
- _____. **Região e organização espacial**. – 3ª ed. – São Paulo: Ed. Ática S. A., 1990;
- COSTA, Benhur Pinós da. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p.79-113;
- DANTAS, Eugênia Maria. Polifonia: a linguagem da cidade. **Mneme – Revista de Humanidades**. Caicó, v.7, n.18, p.1-9, out./nov.2005. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme/ed1/005.php?atual=005&edicao=1>>. Acesso em: 13/10/2006;
- _____. **Retalhos da cidade**: revisitando Caicó. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 1996, 110 p.;
- _____. Travessia urbana. In: DANTAS, Eugênia; BURITI, Iranilson (Orgs.). **Cidade e Região**: múltiplas histórias. João Pessoa: Idéia, 2005, p.15-37;
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leituras sem Palavras**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986;
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 10ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2004;

- _____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. – 14ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1996;
- Jornal *A Fôlha*. Ano 1, n.5, Caicó, 03 de abril de 1954;
- _____. Ano 1, n.14, Caicó, 05 de junho de 1954;
- _____. Ano 1, n.17, Caicó, 26 de junho de 1954;
- _____. Ano 1, n.18, Caicó, 03 de julho de 1954;
- _____. Ano 1, n.22, Caicó, 31 de julho de 1954;
- _____. Ano 1, n.23, Caicó, 10 de agosto de 1954;
- _____. Ano 5, n.219, Caicó, 10 de maio de 1958;
- MARANDOLA, Janaina A. M. Silva. O Geógrafo e o Romance: aproximações com a cidade. **Geografia**. Rio Claro, v.31, n.1, p. 61-81, jan./abr. 2006;
- MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Caicó: revisitando a vila pelos labirintos da cidade. **Caicó em foco**. Caicó, n.1, ano 1, p.10-11, jul.2000;
- _____. **Desvendando a cidade:** Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Senado Federal, 1999;
- _____. **Seridó Norte-rio-grandense:** uma geografia da resistência. Caicó: Ed. do autor, 2005;
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica:** em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004;
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, História e Cidade: lugares no tempo, momentos no espaço. **Artcultura**. Uberlândia, v.4, n.4, p.23-35, 2002;
- ROUANET, Sérgio Paulo. **A razão nômade:** Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993;
- SEIXAS, Jacy; BRESCIANI, Stella. Apresentação. In: NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica:** em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004, p.9-18;
- SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Representação das cidades. **Formação**. Presidente Prudente, n.8, p.75-86, 2001;
- SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade:** Campina Grande – 1920-1945. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001, 357p.